

O FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCANDO TAMBÉM SE APRENDE

Flávia Lorena da Silva Oliveira¹

Maísa Cotrim Leal²

Jany Rodrigues Prado³

Sandra Alves de Oliveira⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a dinâmica do brincar na educação infantil, suas consequências e proposições, expõe também as concepções da teoria e prática no espaço formal de educação. Esse relato de experiência foi baseado primordialmente nas vivências do estágio supervisionado que foi desenvolvido no 5º Período da Educação Infantil em uma escola da rede municipal de ensino do município de Candiba-Ba. O artigo aborda diversas discussões em torno do brincar como instrumento de aprendizagem. E encontra-se organizado em sessões. O primeiro subitem, apresenta a magia que cada brincadeira traz consigo e suas referências na vida de cada criança, levando em conta que a infância deve ser vivida da forma mais plena possível, além disso, desperta um novo olhar sobre as atividades lúdicas e suas interferências positivas na formação dos alunos, o que mostra que as concepções do brincar são indispensáveis na construção da aprendizagem e desenvolvimento humano, social e intelectual. A segunda sessão discute sobre teoria e prática na Educação Infantil com ênfase na formação do pedagogo que é um processo contínuo e trabalhoso, mas possibilita aprendizagens para além da formação profissional. As considerações finais apresentam os resultados alcançados, que foram muito satisfatórios durante a intervenção, uma vez que os objetivos propostos foram obtidos tornando os momentos vivenciados mais significativos e importantes para cada sujeito envolvido, traz também uma sugestão acerca da realização do estágio em um espaço de tempo maior, levando em conta as demandas dos(as) estagiários(as) e comunidade escolar, abordando a importância da intervenção na Educação Infantil como um elemento fundamental na formação do pedagogo(a).

Palavras-chave: Infância. Brincadeiras. Prática reflexiva.

¹ Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. E-mail: flavialore_cba@hotmail.com

² Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. E-mail: maisa_piloes@hotmail.com

³ Trabalho orientado pela Prof^ª. Jany Rodrigues Prado, Professora Substituta do Departamento de Educação DEDC/Campus XII/Guanambi-Bahia, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) e membro do de Ensino de Guanambi-BA. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: janyrprado@yahoo.com.br

⁴ Trabalho orientado pela Prof^ª. Ma. Sandra Alves de Oliveira – Departamento de Educação de Guanambi-Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: saoliveira@uneb.br.

1 Introdução

O estágio na primeira etapa de educação básica se deu no município de Candiba, interior da Bahia. Entendemos que toda ação é movida por um interesse. Nesse caso, o que nos motivou foi a necessidade de realizar em nosso município uma proposta didática que preenchesse algumas lacunas como a necessidade de trazer a ludicidade, proporcionar outros espaços e práticas como jogos, histórias e brincadeira. Essas questões foram notadas, ainda, nos primeiros contatos com a escola pesquisada, alvo de nossas intenções. Dessa forma, começamos uma trajetória que em muito nos surpreenderia.

No período de observação nos atentamos em ter um olhar reflexivo e sensível para se pensar em uma intervenção que trouxesse significado para o espaço e sujeitos. Esse relato está ancorado teoricamente em: Kishimoto (2008), Freire (1987), Bruner (2008) e outros. Pensando principalmente na relação que conseqüentemente surgiria entre ação, reflexão, ação.

É importante prezar que ao longo do semestre adquirimos conhecimentos acadêmicos que foram discutidos em alguns componentes como Infância e Educação Infantil, Pesquisa e Estágio II: Educação Infantil, Processos de Alfabetização e Literatura Infantil, o que contribuiu de forma significativa para que pudéssemos compreender melhor o seguimento da educação infantil.

Na nossa formação, houve também a união dos saberes e conhecimentos científicos, não deixando de mencionar as intensas trocas, ora de educando para educador e ora educando/educando, o que mais uma vez comprova o que ressaltava Freire (1987), uma vez que, não lidamos com bancos de depósitos, mas com sujeitos que ensinam e aprendem mutuamente.

A proposta de intervenção teve foco na “ludicidade” e foi construída pelo que foi percebido no período da observação co-participativa, como já afirmamos acima. Portanto, durante todo procedimento didático trabalhamos com o brincar no processo de ensino e aprendizagem e interação na turma do 5º período da escola relatada, pensando nas possibilidades presentes nos jogos e brincadeiras e sua influência na vida de cada criança.

Na condição de observadoras e estudantes dos componentes curriculares referentes à educação infantil, entendemos a importância do brincar e da interação nos processos de escolarização, pautados sempre na importância de cada criança viver a infância da forma mais plena possível. Comungando dos ideais e dos direitos que cada sujeito tem no período da infância, escolhemos nossos objetivos, como mostrar que é possível aprender brincando, significar as atividades lúdicas e ocupar todos os espaços possíveis explorando jogos e

brincadeiras, dessa forma traçamos uma metodologia que não fugisse do tema central. Relatamos ainda, que não fizemos a dissociação do plano de curso e objetivos das professoras regentes com o tema proposto em nosso projeto, uma vez que entendemos a necessidade de um trabalho pautado na coletividade e na colaboração de todos.

Com isso, antecipamo-nos em afirmar que durante o componente e suas atribuições, esforçamo-nos em proporcionar aos alunos vivências lúdicas que os levassem a ter momentos de prazer e aprendizagem. Sinalizamos que, enquanto mediadoras, também possibilitamos por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas (jogos, brincadeiras, dinâmicas, histórias), a construção de uma percepção de si em relação com o meio. A seguir, traremos seções que discutem o que cada brincadeira traz consigo, nesse sentido discutiremos sobre as relações do brincar no espaço escolar e suas implicações na vida das crianças e a teoria e prática na educação infantil em que discute a formação do professor da educação infantil e a importância da aula de campo como recurso metodológico fundamental para o processo ensino aprendizagem.

2 A magia que cada brincadeira traz consigo

Após observar e confirmar o que já entendíamos como prioridade na educação infantil, empenhamo-nos em pensar um projeto que tivesse como pauta principal a seguinte questão “brincando também se aprende”. Conhecendo a turma do 5º período, propomos levar jogos, brincadeiras, histórias e diversos outros momentos lúdicos que abrangessem a especificidade do ambiente ao qual estávamos inseridas.

Essas experiências nos provocaram da seguinte forma: Mas afinal, o que são as brincadeiras? E os brinquedos? Para que servem? Escola é lugar de brincar? Todas essas dúvidas borbulhavam em nossas concepções e quebravam com muitos paradigmas já estabelecidos. Brincar nada mais é do que brincar, a questão principal é sobre o que a brincadeira propõe na vida de cada criança. Através das teorias sabíamos quais os atributos da brincadeira, mas foi na prática que presenciamos a “mágica, o encanto, as surpresas e principalmente as aprendizagens” em cada proposta. De acordo com Bohm (2015, p. 06):

É através do jogo, do brinquedo e das brincadeiras que a criança se desenvolve, pois é estimulada a ter curiosidade, autoconfiança e autonomia, além de instigar a linguagem, a concentração e atenção. As crianças, durante os jogos e/ou brincadeiras são expostas a pensar, refletir, analisar, experimentar, criar, dominar a angústia e ansiedade, além de conhecer o próprio corpo.

As quatro paredes da sala de aula não puderam conter a “magia” que surgia no espaço. Por meio das atividades os sujeitos começaram a estabelecer relações interpessoais, aprendendo regras, que são importantíssimas para o convívio social, além do mais, estavam a todo momento envolvidos com os conteúdos programáticos, porém de uma forma implícita, todo esse processo envolvia o jogo, o brinquedo e as brincadeiras, cada um com um significado, numa harmoniosa junção. Nessa relação, passaram a ser estimulados cada vez mais pelas linguagens estabelecidas nos jogos e brincadeiras, com o desenvolvimento da ação lúdica era possível ver a importância da ação do brincar na vida de cada criança.

Luckesi (2005), afirma que ludicidade pode também ser entendida como uma atividade que proporciona prazer ao sujeito, e através dos sorrisos e olhares de cada criança, percebemos os prazeres nas coisas mais simples como as brincadeiras, criações e jogos que se estabeleciam na sala de aula e provocavam inúmeras reações.

A partir do momento em que começávamos uma “atividade”, conseqüentemente surgia um leque de possibilidades, não importando mais a estrutura, os problemas e as negações, pois estávamos inseridos em outro “mundo”, um mundo fantástico, real e que faz todo sentido para uma criança, uma vez que ela tem uma sensibilidade aguçada e é isso que a caracteriza. Todo processo vivido exigiu o máximo de todos envolvidos, uma entrega de corpo e mente, numa sintonia consigo e com o outro.

Com isso, queremos dizer que, na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nos utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. (LUCKESI, 2005. p. 02).

É importante relatarmos que toda atividade proposta foi discutida anteriormente e não estava dissociada da realidade e necessidade do momento. Dentre as propostas, trabalhamos com a “trilha móvel”, que consistia em situar o corpo, aguçando o movimento, raciocínio lógico, participação e interação, o jogo acontecia fora da sala de aula, o que levava a criança a conhecer novas possibilidades e a se permitir cada vez mais.

Figura 01: Jogo da trilha móvel



Fonte: foto obtida pelas estagiárias

Pelo que foi notado acima, esclarecemos que registrar os momentos foi uma escolha das quais não nos arrependemos, pois nos possibilitou visualizar alguns instantes e perceber sensações, caras e bocas, que poderiam ter passado por despercebido. Os jogos foram um instrumento bastante utilizado em nossa experiência. A “trilha” envolveu os alunos nos processos de desenvolvimento, nela pontuamos a importância do movimento, raciocínio lógico, interação, paciência e outros valores atribuídos no jogo.

De acordo com aspectos históricos, o jogo passou por um longo processo de mudanças e interpretações, e teve como definidor do seu conceito a criação dos jardins de infância e os ideários de Froebel (1837). A partir disso, percebemos que os jogos, como por exemplo, a trilha, tem fundamento especial nas proposições froebelianas. Atualmente, é qualificado como um método de aprendizagem que em muito tem contribuído para as estratégias pedagógicas, confirmado por Bohm (2015, p. 07).

Portanto, foi a partir deste movimento ou momento histórico que os jogos foram entendidos como algo importante e fundamental para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, fortalecendo a imagem do jogo educativo como algo importante para a aquisição dos conteúdos escolares.

O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (RCNEIs) apresenta orientações sobre os eixos trabalhados na educação infantil, o que permite estabelecer uma relação entre o brincar, cuidar e educar, trazendo uma observação sobre o que dever ser priorizado e trabalhado nessa etapa. Retomando as imagens acima, afirmamos a importância de proporcionar às crianças ações que agucem sua motricidade, equilíbrio e outros movimentos corporais, como estabelece os RCNEIs:

As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresentam-se como oportunidades privilegiadas para

desenvolver habilidades no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas de gude, atirar com estilingue, pular amarelinha etc. (BRASIL, 1998, p. 26).

Então, brincar é fazer mágica, é submergir e imergir, é entender o mundo, recriá-lo e reinventá-lo, é criar e usar regras, é se permitir, é sentir o momento e se alegrar com o prazer que virá a surgir. Concluímos nessa sessão que, também comungamos dos ideais de Bruner (2008), que sinaliza que as brincadeiras e jogos lúdicos são necessários para o desenvolvimento da criança. As atividades lúdicas estimulam a aprendizagem, na resolução de problemas e no desenvolvimento cognitivo do sujeito, é importante ressaltar que qualquer conteúdo pode ser ensinado a qualquer idade, desde que tenha a supervisão do responsável que respeite as necessidades da criança.

3 Teoria e prática na educação infantil

A formação docente é um processo contínuo e trabalhoso, mas que possibilita aprendizagens para além da formação profissional, perpassando por saberes que nos auxiliam na vida pessoal e social. O estágio é uma etapa fundamental e indispensável para a compreensão do processo ensino-aprendizagem, pois permite ao estudante ir além das paredes da universidade para colocar a teoria em prática, nessa linha (FREIRE, 1996, p. 12) afirma que: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá blá blá e a prática, ativismo”, ou seja, o ativismo faz com que a transformação da realidade se dê apenas por meio da ação prática efetiva se contrapondo a atividade puramente teórica, que isolada da experiência prática, perde a validade.

Ao adentrarmos a sala de aula do 5º período da educação infantil, foi comprovado mais uma vez que teoria e prática não se dissociam, e que além do conhecimento adquirido em sua formação, o professor precisa ter sensibilidade e gostar do que faz, sentir prazer em estar na sala de aula e buscar se envolver o máximo nas atividades que propõe. Nessa lógica, quando refletimos sobre o papel do professor, pode se destacar a prática da professora regente, que deixa explícito seu comprometimento, amor e dedicação, e busca sempre desempenhar seu papel da melhor forma possível para possibilitar aprendizagem a seus alunos. Nesse aspecto, passamos a observar suas práticas com um olhar sensível e reflexivo acerca da ludicidade, e mesmo não presenciando brincadeiras e jogos, percebeu-se que ela buscava sempre fazer com que as atividades que propunha fossem prazerosas, isso nos encantou desde o princípio, pois como foi citado anteriormente o tema do nosso projeto de intervenção foi voltado para o lúdico.

Ainda nesse universo de possibilidades e desafios que é a educação infantil, faz-se necessário destacar o quanto é essencial que a formação do pedagogo seja feita de forma significativa, e a escola seja preparada para receber as crianças, pois precisam ter artifícios para buscar estratégias que facilitem a aprendizagem dos alunos, e no âmbito da educação infantil esses métodos devem ser ligados intimamente a ludicidade.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (BRASIL, 1998, p. 27).

Nesse sentido, surgiu a preocupação em trabalhar com uma diversidade de jogos e brincadeiras, que foram mediados cuidadosamente para não se tornarem atividades mecânicas.

Considerações finais

Ao fim do estágio em educação infantil no Grupo Escolar Dom José Pedro Costa, tivemos a sensação de dever cumprido, e percebemos que o objetivo de desenvolver, por intermédio das atividades lúdicas, um aprendizado sobre si e o outro tenha sido alcançado. É importante destacar a necessidade do afeto no espaço de educação infantil, e durante a realização do estágio percebemos isso nitidamente por parte das crianças e da professora regente, sendo uma motivação.

Relatamos que foram momentos riquíssimos de aprendizagem, nos quais tanto aprendemos quanto ensinamos. Os resultados foram muito satisfatórios, pois houve uma participação e desempenho significativos por parte das crianças, que juntamente com a professora regente nos receberam de braços abertos. Foi uma experiência maravilhosa, mas salientamos que se as horas fossem distribuídas em um espaço de tempo maior, os resultados seriam ainda melhores, pois as estagiárias teriam mais tempo para planejar as aulas, tendo em vista que após algum tempo de observação teríamos a oportunidade de conhecer melhor cada um, as necessidades e especificidades de cada uma delas. Com isso, entendemos que o estágio é importante tanto para a formação docente quanto para o desenvolvimento pessoal, à medida que tudo que se vivencia durante esse período se transforma em aprendizado.

Referências

ANNA, Alexandre Sant^o. NASCIMENTO, Paulo Roberto. **O Uso do Lúdico na Formação dos Professores que Ensinam Matemática**. São Paulo. 2008.

BÖHM, Ottopaulo. **Jogo, Brinquedo e Brincadeira na Educação**. Disponível em:<<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Ottopaulo-B%C3%B6hm.pdf>>. Acesso em: 29/07. 2017 as 19 h e 46 min.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Brincar**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e Atividades Lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Disponível em:<http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas.pdf>. Acesso em: 30/07. 2017 as 22 h e 08 min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25^o edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^o. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

KISHIMOTO, Tizuko Moschida. Bruner e a Brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **O Brincar e suas teorias**. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008, p. 139 – 153.